

O
REFORMISTA

04 DE MAIO
DE 1850

O REFORMISTA.

JORNAL POLITICO. LITERARIO, E COMMERCIAL.

A Imprensa é a voz da sociedade moderna.
O seu silêncio é a morte da liberdade.

Publica-se na Typographia de F. T. de Brito e Comp. na rua da Areia n.º 25; e sabira, por ora, quando for possível. Precisa assinatura 25 reis, por 10 numeros; vende-se avulso, na Cidade Alta, loja do Sr. Joaquim da Silva Guimarães Bengalo, rua Direita da Cidade Alta, na Bótila de Sr. Protasio Pereira Freire, rua das Guimaraes n.º 28; a 100 reis, a folha, o comunicado, e correspondências de telegramas publicar terão inserção gratis; e as que o não forem pagára-o que se ajustar, vindo todas legalizadas.

O REFORMISTA.

AOS SRS. ASSIGNANTES.

Tantos são as prisões que tem sofrido o distribuidor o sr. Miguel Verdadeiro, e ultimamente a que a cabia de sofrer o sr. Innocencio, que nem elles, e nem outro qual quer, estão dispostos a passar mais por suas provações, e por isto estamos sem distribuidor: para q' a nossa folha não fique sem distribuição podemos encarecidamente aos nossos assignantes, e mudarmos procurar as suas folhas na cidade alta na loja do sr. Joaquim da Silva Guimarães Bengalo, e nouvaradouro na caza da mesma Typographia; por cujo favor muito lhes agrideceremos.

~~FIQUE POKREM CERTA A FAÇÃO QUE NÃO HA-DE SER POR TAIS MBIOS, E SEMELHANTES PERSEGUICOES, QUE O REFORMISTA DEIXARA DE SAIR: ELLE CONTINUARA EM SUA MARCHA INALTERAVEL PONDO OS OLHOS DE TODOS AS TORPEZAS E IMMORALIDADES QUE SÓEM PRATICAR OS NOSSOS ADVERSARIOS.~~

A Ordem no Açude do Matto

Remessa para os srs. coronel Ismael e tenente Claudio Agnello.

Logo que se derão os factos horrorescos, que tiverão lugar no Açude do Matto, a Ordem, folha oficial, ou por que não quizesse arrostrar a opinião pública, que com a maior indignação se pronunciava contra o que ali se dão, ou, o que é mais provável, em despeito e vingança para com alguém, se apressou em confessar esses factos, que chamou excessos, reprovou-os, e disse que a presidência tratava de avirigual-los para proceder contra quem de direito fosse: e foi então que podemos bem avaliar a enorridade de todos esses factos, principalmente por que S. Ex. em sua fala a Assembleia Provincial disse, falando do Açude do Matto - *ficando assim inutilizada a diligencia, na qual, segundo sou informado, a tropa da Guarda Nacional - não teve bom comportamento - sobre o que exigi esclarecimentos, e tomarei as necessarias medidas para punição de quem merecer.*

Em um dos nossos numeros anteriores contamos o que sabíamos a respeito, deixando de mencionar tudo quanto de extraordinario e horroroso ali se dão, por

que não tínhamos então exactas informações: chama-mos de alguma forma a atenção do Governo para esses factos, e dissemos que o commandante estava na obrigação de justificar o que contra essa força dizia o público.

Não obstante parem se terem passado muitos dias, tem só providencia não consta que se tenha dado para publicação dos autores de tales attentados: a promessa de S. Ex. em sua fala à Assembleia não realizou ainda, e nem o sr. Agnello, nem o sr. Ismael se rebatizaram a justificar essa tropa, não do que dissemos, por que certamente não fazem razão, mas do que a folha oficial, e a Presidencia tinham publicado contra essa tropa, de que eram commandantes, a vez de que se diz, que por abusos andam muitas remunicações. Entendemos pois que tales factos, a vez de toda sua horribilidade, tinham sido amnystiados, não se satisfazendo a justiça, e ficando impunes os criminosos, e habilitados outros para continuarem na mesma carreira.

Qual não foi porém nosso desapontamento quando a mesma folha oficial respondendo-nos (com o cynismo do costume) continuou a confessar o que já havia dito contra as violências praticadas no Açude do Matto? E porque os culpados não foram ainda punidos? Ja se mandaria instaurar algum processo? Os autores de tales attentados continuariam ainda nas bôas graças do governo? A Ordem está na obrigação de declarar o que existe a tal respeito, uma vez que ella se tem considerado accusadora, sendo alias folha oficial - Sejam porém quais forem os motivos, que tenham induzido a Ordem a assim proceder, o certo é que hoje mais que nunca julgamos que o sr. Tenente Agnello está na rigorosa obrigação de justificar perante o público o que contra a força, que conduziu ao Açude do Matto, dizem a folha oficial, e a Presidencia em sua fala à Assembleia; e em não menor obrigação está o sr. Coronel Ismael como commandante em chefe das forças donde aquela foi tirada. Leiam esses srs. a Ordem, e se convencerão de que sua honra e dignidade assim o exigem. E para que o publico se convença da razão que temos para assim pensarmos, e fazer uma ideia do que houve no Açude do Matto, transcreveremos os seguintes trechos do art., que vem na Ordem n.º 32.

« Todos que nos tem lido sabem que reprovamos algumas violências praticadas no Açude do Matto, violências em oposição às ordens do Governo, contrárias ao pensar dos homens verdadeiros do lugar, que se indignarão contra elas.... »

« ... tire de si parte dessas violências para aug-

2
far aquellas, que, contra o pensamento do partido dominante....»

« Saber finalmente, que avisados da diligencia polizerao-se com os guedes em lugar seguro, e que as VIOLÊNCIAS DA TROPA RECAHÃO sobre aquelles, que descansados em sua consciencia, não tomarao a fuga: contra os marcos e devotados aos idólatas ordens do lugar; contra aquelles com quem os vossos húbris contrariao para eleições, e menos para suas incursões....»

«... Vós vos aulaudistes à aquella fatal diligencia, que podia desconselhar para com aquelle povo o partido dominante a que elle é devoçao....»

Não sabemos que se possa fazer acusações mais graves: os creminhos, que se tinha no brenner formavam, e esconderão-se; mas a tropa praticou violências contra os inocentes, contra aquelles que descansavão em suas consciencias, contra os marcos e devotados aos cidadãos ordens do lugar! E estas violências foram tão graves, que podião desequilibrar o partido dominante!!.... E entre tanto os autores destas violências, que o orgão do governo confessa e denuncia, ainda não foram punidos!... A vez de pertencermos a oposição não poderiamos fazer melhor e nem mais forte acusação à presidencia, e à frota, que tales violências praticou, a qual nem ao menos foi ainda desculpada pelos seus comandantes!

Revertemos contra o autor do art. 1º que nos referimos as imundices, que nos pertencem a tirar: desconselhamos vossas infamias ficando-nos entre tantas aconselhado de vós ter provado, que não nos era estranho o verdadeiro motivo de tanto vandalismo: «deste vós de mais para vós descolhirdes barato a respeito desse malogro.»

Declararamos ao redactor da *Ordem*, que não nos deixámos aterrizar pelas suas ameaças de «a sequela factos dos homens da antiga, da maturidade, individuos de um sacerdote; a pezar de suas quixotadas, comimprimimos em nosso caminho; devendo, talvez, certo de que terão conveniente responder todas quantas membra e tumultuas houver de escrever contra as notabelidades e homens dignos de nosso partido.»

COMMUNICADO.

A *Ordem* e o COMMUNICADO do Reformista A Monarchia no Brasil.

Chegou-nos as mãos o n.º 27 da *Ordem*, e nella devolvemos um artigo intitulado - o Monarchismo do Reformista, em que se analiza o do mesmo Reformista n.º 29 sobre a filha do trono, e outro que escrevemos sobre a Monarchia no Brasil.

Nada diremos a respeito das críticas que dirige a *Ordem* ao artigo a respeito da filha do trono, e sobre a oposição que actua entre o nosso artigo e o sistema republicano sustentado pelo Reformista, conforme diz a *Ordem*: «os cavalheiros que redigem este jornal melhorão que nós saberão defender-se.» Mas antes de tudo, dando-me licença que o nosso artigo esteja em alguns pontos em desacordo com os princípios do Reformista, o que ignoramos, devia a *Ordem* advertir que elle ali aparecerá como «comunica n.d.p.» Ora devera vir, comigo, que por ter sido julgado digno de ser publicado nas colunas de um jornal, representar em todo o seu conteúdo equívocos a esse jornal, em que é impresso?

Diz a *Ordem* que no artigo citado «com a hypocri-
sia e jesuitismo de refinados espadachins chamamos magnanimo a D. Pedro Iº, cuja memória ja em um antecedente a procuramos acrecentar politico, e singu-
lar os calos per o mundo, in lo a nobreza». Enganou-se a *Ordem* quando afirma que ja em um anterior a procuramos acrecentar politico, e nobreza de D. Pedro Iº, pois o caso respectivo é o primeiro artigo que escrevemos, baseado na mesma memória que singularmente achamos de D. Pedro Iº, a republica. A republica é o seu projeto Guaporé uma nota, que achamos que deve pre-
dustido grandes virtudes, e que os direitos da gloria de grandes homens, e que o projeto o desejo de fingir calos e que é de sua natureza idolo-
ático, ou a *Ordem*. Julgando-o impossível de suportar, das as forças de governo, sem despedir os soldados, as desordens das forças são de grande dimen-
são, e a impunidade sobre a utilidade praticadas libe-
rados instituições. Por esta razão é que defendemos a monarquia constitucional no Brasil.

Morria a *Ordem*, sobr qual é a infelicidade que preferiu a dinastia imperante se abusar ao seu poder, se não corresponder as esperanças que nella depositaramos os brasileiros? Em tal caso, responderemos nos, e supomos que não seremos contradictos, que esta generosa nação que proclamou o princípio D. Pedro seu imperador constitucional e defensor perpetuo, sabe-
rá encarar pelos meios legais, as condições que julgar necessárias a sua felicidade.

Isto dissemos com toda franqueza, porque neste que sejamos na omnisciencia do Sr. redactor da *Ordem* um «in-
tentante ardente» ou não, não pretendemos expôr no-
sas expectativas. Se batemos desfumado a monarquia no Brasil, na discussão, e porque julgamos ser-lhe útil pre-
sentemente esta forma de governo, e não por que pro-
curasssemos agredir a alguma, fixando algum dos nossos partidos, a nihilum ou s. quales temos a honra de respeitar, adotar ou conservar algum emprego no governo. As armas que supomos haver empregado desfumado a monarquia são raciocínios e não baju-
fatos, e refutamos o uso da falso ao do thribulio.

Se a *Ordem* entende que a realeza na terra assemelha-se a divindade no Céo, e que a circunstancia de ser principie isento das fraguezas proprias da humanidade, então quisemos-lhe, sem querer fazer aplicação alguma, que respeitamos muito suas convicções, mas que não temos a fortuna de pensar da mesma maneira.

Consta-nos que o nosso artigo, a pesar de n'alguns pontos merecer o assentimento da *Ordem*, terá de ser elamado a responsabilidade por atacar a dinastia imperial. Que dizer a isto??!! O que é certo é que, sendo assim, poderiam os nossos ministros se fossem Palleyrands recomendar pelo menos - menos zelo.

C.

VELDE E ADMIRAL.

Na sessão de 25, na sala dos representantes, ouviu o muito digno Sr. Inspector da Thesouraria A. J. Henriques (vulgo *falte baixo*), advogando os interesses da sua classe. Parece que este distinto designado, tinha de longo tempo em vista aumentar os seus recursos financeiros: e pois aprovou a occasiao para mandar uma ementa a-meza, autorizando o governo a indemnizar aos delegados de fáscada, de uma gra-

tificação que elle entendeo dever-se-lhes desde Outubro de 1848. Na verdade o Sr. A. J. Henriques dessemenhou o risco de que - a caridade hem entendida começo por caza. - Muito importante estive este distinto orador, principalmente na parte do seu discurso que tal e qual a entregamos aos nossos leitores, extraida da *Jornal do Commercio*.

« Q Sr. A. J. Henriques: - Prevalecendo-me dos estudos, e como estamos com a primeira discussão do orçamento da fáscada na qual se permite considerações sobre a política geral, vou responder ao nobre senador o Sr. Vergueiro, que disse terem sido as eleições da Parahyba feitas à caccete. »

« O Sr. presidente: - Tem-se permitido isso ou proibido a fronteira, ou nos pontos em que a política tem relação com a matéria. »

« O Sr. A. J. Henriques: - Tem toda a relação com a matéria. Os nobres deputados são empregados difusando. (Risadas) E A TAZENDA QUE LHESS PAGA e tenho por tanto direito de lhes perguntar se elles são os únicos representantes da Nação. »

« O Sr. presidente, não admite a razão. »

(Do Grito Nacional.)

REFORMAS SALVADORES.

Não é só ao Sr. Euzebio a quem cabe a distinta honra e gloria de apresentar as suas *carretinhas*, id est, projectos de reforma judiciaria. Também douzinhos representantes pela Parahyba, os Srs. F. A. de Albuquerque e M. C. Lima, deixarão a livraria abaixo e derrão à luz douzinhos projectinhos «mimosos e perfeitos como os douzinhos collegas do Sr. da Jacoca, que não sahemos porque horrivel fatalidade não quis com a fama de seu nome realçar o brilho das duas imitativas a *carretinhas*» parahybana. O Sr. Albuquerque quer que as atribuições conferidas pelo art. 299 do código às ramaras municipaes passem aos presidentes de província, ou por outra, em termos claros e concisos, quer que os amigos dos presidentes andem só com armas, e nelas usem, conforme for de seu gosto e conveniencia, em quanto que os adversarios dos governadores e capitães-generais de nossas capitâncias hão de com tolerancia serafica e franciscana deixar-se matar, a bem da «santissima ordem.» Ora, se amigos e parentes de presidentes e vice-presidentes já tem dado surras em mulheres brancas, ou em pessoas livres, as quais os cabelllos forão cortados não à tesoura mas à faca de toda cega, o que será quando a «carretinha» do Sr. Albuquerque se puxar em andamento? Apostamos que o companheiro do Sr. «falte baixo» hâe estar com os seus lafões a dizer: «E o que quer com esta historia de mulheres brancas surradas está, atrevida Resenha?» Nada, caríssimo Sr. Albuquerque, é um desses «escorregões» que a Resenha costuma dar: se ha malicia na surra das mulheres brancas, ella mesma o ignora. Se o Sr. Jacoca quizesse dar alguma informação a respeito, mandar-lhe-hâmos à casa a «negrinha dos pastores» (com-pesmissâo do Sr. dr. Jobim.)

A «carretinha» do Sr. Lima dispõe que o furto de cavallos seja punido «policialmente.» Muita sympathia e atraçâo tem o Sr. Lima para os cavalos, que os foi agazalhando nas estribârias da polícia, e pondo-os de baixo da sua guarda e protecção! Mas não é completo o projecto do Sr. Lima: devia estender a sua sapiencia reformadora e juriâica ao furto de bois, vaccas, e ca-

bras, » e muito principalmente quando forem feitos por algum agente da justica, a titulo de cobrança. Assim haveria aquella igualdade, de que é tão amigo o Sr. Venâncio, menos os casos em que os ministros a elle se oppoem. Não sabemos pois o motivo por que ao Sr. Lima mais merecem os cavallos do que os bois, as vacas e as cabras. » O que não se pode porém negar ao Sr. Lima, é o ter encontrado em sua sabedoria um grande meio de felicitar a patria, toruando a polícia um juizo esencial dos cavalos.

O illustre representante node já dizer a sua província: «Ja vos dei o fructo das minhas lucubrações, das minhas vigílias: os vossos cavalos me merecerão os mais serios cuidados: e quando penso sobre os cavalos, penso sobre vós, porque possuis aquelles. Em uma palavra, vos dei o que tinha: e ninguem a mais é obrigado.» Isto é uma verdade, Sr. Lima; o tempo não está para impossíveis.

(Do Correio Mercantil.)

As febres reinantes, invadirão a província do Pará, e estavão fazendo consideráveis estragos na Capital, conforme se verá do seguinte artigo do *Treze de Maio*. O Rio Grande do Norte, Ceará, e Maranhão estavão felizmente ainda livres de tão terrível mal. Do Piauhy nada sabemos -

«A epidemia reinante da febre amarela, e que comeca benignamente em principio de Fevereiro proximo passado, com poucos casos funestos, tem crescido de um modo assustador à 15 dias a esta parte, e principalmente nestes ultimos 3 dias tem sucumbido grande numero de victimas, entre as quais se conta o Inspecto da Thesouraria João José de Deus e Silva, o abastado Negociante José Paes de Souza, o distinto Estriographo Tenente Coronel Reformado Antonio Ladislau Monteiro Baena, o probo cidadão Manoel Vicente de Carvalho Penna e muitos outros menos conhecidos. Os casos fatais que ocorrerão ao principio acompanharão vomitos negros; mas agora estes vomitos tem cessado, e só aparecem no instante do passamento gulfadas de sangue inegrida e corruta. »

O numero de enfermos atacados do mal já se presume exceder a mais de duas mil pastores. I reguezias da Capital, e os enfermos efectivos orção-se diariamente de 500 a 600. Temos pesar de anunciar ao publico que caiu desde hontem subitamente da epidemia reinante o Exmo. Sr. Presidente da Província; mas até a presente hora não nos consta que corra perigo. »

NEGOCIOS DO RIO GRANDE DO SUL.

Acabamos de receber da campanha um exemplar impresso de uma proclamação publicada ali em oposição ao governador Rozas e Oribe. Ela abri vai traçada do bespanhol:

« LIBERDADE, FRATERNIDADE E UNIÃO! »

« Compatriotas e amigos! - E' chegado o momento: o imbecil Oribe treme ao ouvir a noticia de vossa magnanima resolução. O tyranno de Bures-Ayres vé que se lhe escapa a presa das mãos: seu sonho dourado, a conquista da republica oriental e da rica província do Rio Grande. Em um momento se dissipão todas as suas criminosas illusões. Em vossas mãos estão hoje os destinos de ambos os paizes; vinde portante comprar o ju-

ramento que haveis prestado ante o povo, ante a nação e ante o mundo! . . Tendes as suas sympathias; tendes a força incontrastável da justiça, & sereis invencíveis; tendes o apoio dos povos, e quando elles se pronuncião, os tyrannos cahem como as monarchias mais opulentas involtas em sua proria impotencia, e na nuvem de odios que os amaldiçõa.

« Amigos e convizinhos! Demasiado tempo hemos sido vexados, ultrajados, roubados escandalosamente por esse odioso poder de Oribe, vendido e humilhado até a degradação ao tyranno de Buenos-Ayres, inimigo da paz publica e da liberdade dos povos. Por causa delles, nossas famílias soffrem a proscripção e a miseria, nossas fortunas são arruinadas, nossos direitos olhados atrocemente. Nenhum momento mais supportemos tanto escandalo, tão negra e barbara oppressão! . .

« Orientaes, e Brasileiros todos! - Contai com o nosso apoio, com todos os nossos recursos; em todas as partes nos encontrareis combatendo ao vosso lado pela liberdade commum, até completar o triumpho sobre esses sanguinolentos tyrannos da patria.

Viva a liberdade, a confraternidade e a união!
Campo da honra.

UNS AMIGOS DA LIBERDADE. »

(Rio-grandense.)

(Do Jornal do Commercio.)

O SENHOR PEDRO IVO.

Sabbado, 30 do passado, entrou neste porto a charrua Carioca, vinda (dizem) de Maciò.

A principio correu vagamente que o Sr. Pedro Ivo nella chegava finalmente, para verificação das promessas, que a assemblea provincial da Bahia fizera, abrindo-a, o Sr. Francisco Gonçalves Martins!

Hoje já é um facto esse, que pertence à publicidade: as gazetas do peito tem já succinctamente anunciado que o Sr. Pedro Ivo, e o Sr. Miguel Assonso, de Capobrás, com [mais outros estão presos nesse navio, que veio caregado de madeira de construção.]

E, pois, certa a intrega espontânea desses chefes conseguida pela diplomacia do Sr. Martins, em desproveito da administração do Sr. Honório, de que foi agente o pai daquelle capitão, o Sr. Pedro Antonio Vellozo da Silveira?

Intervém o governo geral? Até que ponto interveio o Sr. Gonçalves? Que garantias mutuas se trocarão?

Quem, nesta farça, perdeu da honra, o ministerio, a presidência da Bahia, a administração de Pernambuco, aquelles chefes rebeldes, a facção daquarema?

Da dignidade da praia e da honra do grande partido nacional, estamos certos, certíssimos por mil razões que não são para agora, mas à estas interrogatórias não podemos nós satisfazer, ao menos já.

Este facto, porém, e as graves reflexões que sugere, prometemos aos nossos leitores que serão objecto, talvez, do seguinte numero; visto que fui à nossa lei, andamos primeiro, nestes tempos de misterio e trevas, a catar notícias.

Então a verdade, toda a verdade que nos chegar, lhes transmitiremos, e o publico fique certo de que faremos à todos a rigorosa justiça, como sempre a imprensa digna de uma causa tão nobre, como é a da liberdade brasileira, com que tanta gente vil anda especulação por ali.

(Do Seculo)

BAHIA E PARÁ: COISA NOTÁVEL!

Le-se no Seculo:

No vapor - Bahiana - sahiu no dia 20 para a assemblea geral o Sr. deputado Angelo Francisco Ramos, e sua Ex^{ma} família.

Vê pois o Brazil renovado em 1850 o mesmo espetáculo, a mesma união, que já viu outrora em uma época muito memorável.

Orça ja por 30 annos que o Brasil, apenas ouvia na Metropole soar a palavra Constituição, promptamente; com a velocidade do raio, se agarrou à essa ideia vaga, confusa, tão desconhecida que ainda teria de ser votada nas cortes portuguezas. Em 26 de fevereiro forçou D. João VI à jurar adhesão a essa Magna Carta antes de legislada. Mas no Brasil antes disto, antes de todas as adesões manifestadas, houve duas províncias que se apressaram em declarar-se pela Constituição: - foram Bahia e Pará. - Coisa notável! correm os tempos: é hoje, que o objecto dos nossos votos, dos nossos sacrifícios heroicos, nos é roubado; lá estão no lugar mais alto da Nação aquellas mesmas duas províncias bradando pela boca dos seus dous representantes: O norte do Imperio, ora apunhalado, ora esquecido, aiuda sabe querer, ainda quer, instituições liberaes!

Que coincidencia!

Sejão os ventos propícios aos Illustres viajantes.

Le-se no Jornal do Commercio:

« A convenção celebrada pelo governo imperial com o ministro dos Estados - Unidos nesta corte para o ajuste de todas as indemnizações reclamadas por alguns cidadãos americanos, foi ratificada pelo senado da União. O Brazil obrigou-se a pagar QUINHENTOS E TRINTA CONTOS. »

Mais este pingo de cera para o Brazil, que parecia ser o poço do extrangeiro! Quando se acabarão os pagamentos de indemnizações? Só o Brazil nunca tem a reclamar, e a receber? !

Sentimos de ter de anunciar que faleceu no dia 20 do corrente pelas 3 horas da manhã o Sr. José Luiz Lopes Bastos, uma das victimas das febres reinantes - Com quanto a molestia não parecesse a principio ser de fatal consequencias, toda via os violentos abâllos por quo teve de passar esse nosso preimo amigo, vendo em poucos dias morrer uma filha menor, e sua mulher, fizeram com que o mal, que se desinvolveu em uma ilirise, fizesse progresso taes em um corpo já debilitado natos seis 70 annos de idade, e que infelizes forão todos os socorros, e dissídios, que com elle se teve; e depois de dolorosos sofrimentos, su alma leve de ir gozar da benventurança eterna, em vista de suas virtudes!

A terra lhe seja leve.

Anuncio:

Na Rua das Convertidas - Loja de cera nº. 17 ha para se vender Bilhetes e meios bilhetes da 3^a parte da 1^a. Loteria a favor das obras da Igreja de N. Senhora das Mercês: os animadores deste jogo concorrão a comprar este resto de bilhetes se quizerem ver a sorte, com que melhor poderão passar a festa da Paschoa do Espírito Santo.